

ESTUDO DOS CONECTORES

Ana Pereira de Souza (PUC-SP)
a.souza1965@uol.com.br

A atividade comunicativa, segundo Antunes (2010), manifesta-se através da textualidade. A textualidade, conforme dispõe a citada autora, “pode ser entendida como *a característica estrutural das atividades sociocomunicativas* [...] executadas entre os parceiros da comunicação”.

Quando analisamos um texto, devemos fazê-lo em sua dimensão global e em seus aspectos mais pontuais de construção.

Neste estudo, falaremos dos conectores, como um dos aspectos pontuais na construção de um texto.

Justificamos tal escolha, por considerarmos relevantes e enriquecedores a presença dos conectores num texto, especialmente no literário (neste trabalho, optamos pela análise de um pequeno trecho da obra de Guimarães Rosa – *Campo Geral*).

Propomos a seguinte questão: no gênero literário, que interferências os conectores podem provocar na coesão e coerência textuais e que implicações isso pode trazer para o plano dos sentidos?

Temos como objetivo demonstrar que um texto, por mais que ele possa ser construído sem a presença dos conectores (e, ainda assim, ser um texto coeso e coerente), em se tratando de um gênero literário, dificilmente atingirá o interlocutor da forma como o autor deseja, fazendo-se necessária a presença dos mesmos (conectores).

Quanto à dimensão global, Antunes (2010) dispõe que ela não pode ser perdida de vista quando se analisa um texto, já que seus elementos de construção são inseparáveis: a escolha dos artigos, de expressões dêiticas, dentre tantos outros elementos, somente se justifica no texto.

Quando falamos em dimensão global do texto o que nos vêm à mente são os princípios de textualidade apresentados por Beaugrande e Dressler, mais especificamente, os da coesão e da coerência.

Aqui, faz-se necessário esclarecer que um texto pode ser coerente sem ser coeso, mas se ele for coeso sem ser coerente não formará um texto com uma unidade de sentido - se a sequência de enunciados não tiver um efeito comunicativo, não equivale a um texto.

Koch (2010) percebe na coesão a interligação de elementos linguísticos presentes na superfície textual, interligação essa feita por recursos também linguísticos.

Para a autora, há duas grandes modalidades de coesão: a remissão e a sequenciação.

A remissão desempenha tanto a função de re(ativação) de referentes (caso das anáforas e catáforas), como a de dêixis textual (instrumento utilizado para dirigir a focalização do interlocutor (o ouvinte) em direção a um item específico).

Quanto à sequenciação ou coesão sequencial, segundo a autora (2009), a mesma diz respeito aos diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas estabelecidas entre os segmentos do texto, à medida que ele (texto) progride.

Quanto à coerência, ela é algo subjacente ao texto, mas deve ser construída a partir dele na mente dos interlocutores, utilizando-se, para tanto, dos recursos coesivos presentes na superfície textual.

Segundo Koch e Travaglia (2011), a coerência está mais ligada a uma boa formação do texto em termos de interlocução comunicativa, devendo ser vista como um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto. Ou seja, a coerência, segundo os citados autores, está diretamente ligada ao desenvolvimento ilocucional: depende, portanto, da interação entre o texto, aquele que o produz e aquele que busca compreendê-lo.

Para os autores acima citados, temos, com a coerência, uma conexão conceitual cognitiva entre os elementos do texto: aqui, há a interferência de fatores socioculturais diversos, tais como as formas de influência do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores etc.

Passando, agora, efetivamente, ao estudo dos conectivos, podemos dizer que os mesmos (conectivos) são palavras cuja função é ligar orações, períodos, parágrafos e blocos paragrafícos.

Segundo Antunes (2010, p. 136), relativamente aos conectivos, “a relevância dessa classe de palavras, se decorre de sua função conectiva, não deixa de fundar-se também nas relações semânticas e nas pretensões argumentativas que elas estabelecem entre os segmentos textuais”.

Ainda, para a autora (2010), são os seguintes os conectivos: conjunções, preposições e respectivas locuções (canonicamente), mas tam-

bém podem ser representados pelos advérbios, locuções adverbiais (“em suma”) e, até mesmo, por um grupo nominal (no âmbito textual).

Adam (2008) distingue três tipos de marcadores de conexão na classe geral dos conectores, quais sejam: os conectores argumentativos propriamente ditos, os organizadores e marcadores textuais e os marcadores de responsabilidade enunciativa. Para o autor (2008, p. 180), “Esses três tipos de conectores exercem uma mesma função de ligação semântica entre unidades de níveis diferentes (palavras, proposições, conjuntos de proposições e mesmo grandes porções de um texto)”:

- a) Organizadores textuais – aqui podem ser observados os que ordenam as partes do discurso em termos de tempo e espaço e os que estruturam a progressão do texto e a indicação de suas diferentes partes. Exemplos: à esquerda, à direita, depois (organizadores espaciais); então, antes, em seguida, no dia seguinte (organizadores temporais); e, ou, também, assim como (organizadores enumerativos aditivos) e, primeiramente, em seguida, por outro lado, enfim, é tudo, para terminar (organizadores enumerativos marcadores de integração linear);
- b) Marcadores de responsabilidade enunciativa – aqui se vislumbra a questão do ponto de vista (PdV) oposto (são duas fontes que são opostas aqui), que não é, porém, identificado no texto, mas que desqualifica a primeira das fontes. Exemplos: segundo, de acordo com, para, etc. Também se incluem dentro desse tipo os marcadores de reformulação (isto é, dito de outro modo, etc.), os marcadores de estruturação da conversação (bom, bem, então etc.) e os fáticos (você sabe, tu vê etc.);
- c) Conectores argumentativos – têm função (não única) argumentativa nos enunciados, porque também podem associar uma responsabilidade a eles (enunciados) e, obviamente, também têm uma função de segmentação. Estão divididos em quatro grandes categorias:
 - c.1) marcadores do argumento: caso dos conectores porque, já (uma vez) que, pois etc.;
 - c.2) marcadores da conclusão: caso dos conectores portanto, então, em consequência etc.;
 - c.3) contra-argumentativos marcadores de um argumento forte: caso dos conectores mas, porém, contudo, entretanto etc.;

- c.4) contra-argumentativos marcadores de argumentos fracos: certamente, embora, apesar de que etc.

Num texto, também pode não haver conectores – é o chamado encadeamento por justaposição.

Se dizemos: “A lâmpada não acende *porque* a corrente elétrica está interrompida” ou “A lâmpada não acende. A corrente elétrica está interrompida.”, o que nos está sendo informado é que há uma *causa* pela qual a lâmpada não acende. No primeiro caso, foi utilizado o conectivo causal; no segundo, não. Ambas as orações surtem o mesmo efeito no interlocutor, porém, a primeira é mais rica, textualmente falando, do que a segunda.

Segundo Marcuschi (2008), todo aquele que domina uma língua qualquer tem competência textual e essa competência ultrapassa o domínio estritamente linguístico, adentrando aspectos da realidade sociointerativa, tais como: conhecimentos pessoais e enciclopédicos, inferenciais, entre outros. Disso resulta, segundo o autor (2008, p.102), que “a coesão explícita não é uma condição necessária para a textualidade”. O autor comprova tal assertiva com o segmento linguístico, a saber:

João vai à padaria. A padaria é feita de tijolos. Os tijolos são caríssimos. Também os mísseis são caríssimos. Os mísseis são lançados no espaço. Segundo a Teoria da Relatividade, o espaço é curvo. A geometria rimaniana dá conta desse fenômeno.

Tal segmento não equivale a um texto, já que a sequência de enunciados não tem efeito comunicativo. Assim, um texto sem a presença, entre outros, de conectores, pode permitir, conforme Marcuschi (2008, p. 103) “condições de acesso e não condições de boa formação textual”.

Isenberg (1968 *apud* KOCH, 2009, p. 85-7) distingue os seguintes tipos de encadeamentos por justaposição, sem articuladores explícitos, exemplificando-os:

- a) conexão causal: “A lâmpada não acende. A corrente elétrica está interrompida.”;
- a) conexão de motivos: “João desceu à adega. Ele foi buscar uma garrafa de vinho.”;
- b) interpretação diagnóstica: “Geou durante a noite. Os canos de aquecimento estão rachados.”;

- c) especificação: “Aconteceu um desastre. José atropelou uma criança.”;
- d) agrupamento metalinguístico: “Meu irmão ganhou um cachorro. Minha tia quebrou a perna. A cozinheira faltou. Fiquei sabendo de tudo isso ao chegar em casa à noite.”;
- e) conexão temporal: “O atacante avança. Um jogador adversário impede-lhe a passagem e tira-lhe a bola...”;
- f) conexão de pressupostos: “As crianças foram tomar sorvete. Alguém deve ter-lhes dado o dinheiro.”;
- g) contraste adversativo: “Maria é uma garota simpática. Seu irmão, pelo contrário, é muito carrancudo.”;
- h) correção de asserções precedentes: “Aí, Maria viu João. Não, foi João que viu Maria.”;
- i) comentário: “Os índices de desemprego continuam altos. É um escândalo.”;
- j) confronto/comparação: “Luís tem cabelos compridos. Seu irmão os tem ainda mais longos.”

Segundo Koch (2009), a justaposição não se limita aos tipos acima citados, podendo dar-se com o uso de elementos de articulação temporais, espaciais, lógico-semânticos e discursivos que não constituam conectores propriamente ditos. O seguinte exemplo é extraído da obra de Koch (2009, p. 87): “*O casal brigava muito e acabaram se separando. Durante muito tempo, ficaram sem se ver. Certo dia, porém, encontraram-se casualmente numa recepção. Poucos dias depois, estavam novamente juntos*”.

A seguir, analisaremos um pequeno trecho do livro de Rosa (2001, p. 106) mais especificamente a figura dos conectores:

Quando a gente voltou, se tomou café, nem ninguém não precisou de fazer café forte demais e amargoso, só Pai e Vovó Izidra é que bebiam daquele café desgostável. No outro dia, foi uma alegria: a Rosa tinha ensinado Papacoo-Paco a gritar, todas as vezes: - “Miguilim, Miguilim, me dá um beijim!...” Até Mãitina veio ver. Mãitina prezou muito o pássaro, deu a ele o nome de Quixume; ficou na frente dele, dizendo louvor, fazendo agachados e vênias, depois levantava a saia, punha até na cabeça. - “Miguilim, Miguilim...” Era uma lindeza.

No texto acima podemos perceber a presença dos seguintes conectores:

- a) organizador textual temporal: “*Quando* a gente voltou” e “*No outro dia*, foi uma alegria”; “[...] a Rosa tinha ensinado Papaco-o-Paco a gritar, *todas as vezes*: [...]”
- b) organizador textual enumerativo *aditivo*: “[...] *nem* ninguém precisou de fazer café forte demais e amargoso [...]”; “*Até* Mãitina veio ver”; e enumerativo *marcador de integração linear*: “[...] ficou na frente dele, dizendo louvor, fazendo agachados e vênias, *depois* levantava a saia, [...]”
- c) organizador textual espacial: “[...] deu a ele o nome de Quixume; ficou *na frente dele*, dizendo louvor, [...]”;
- d) organizador textual *marcador de gradação*: “[...] depois levantava a saia, *punha até* na cabeça [...]”;
- e) conector contra-argumentativo (explicativo): “[...] *nem* ninguém precisou de fazer café forte demais e amargoso, *só* Pai e Vovó I-zidra é que bebiam daquele café desgostável.”

Finalmente, temos consciência de que são inúmeras as questões de análise que um texto envolve.

Neste trabalho, ativemo-nos à figura dos conectores, revelando a importância desses elementos na boa formação textual e no efeito comunicativo.

Pudemos observar, no pequeno trecho literário analisado, a presença constante de conectores. Porém, se retirarmos todos esses conectores apontados, o texto não perderá nem sua coesão, nem sua coerência (pelo menos, não no exemplo analisado) – poderá, talvez, perder, entre outras coisas, sua riqueza e não atingir o interlocutor da forma como pretendia o autor. É exatamente essa riqueza que nos cativa quando lemos uma obra literária, especialmente se já conhecemos o estilo do autor, pois sabemos que sua obra nos emocionará e deixará marcas em nosso ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues et al. Revisão de Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2008.

ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

GUIMARÃES, E. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ROSA, J. G. *Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile)*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.